

Governo não tem comando político

Experimentados políticos, de diferentes tendências, estão vendo com profunda apreensão a evolução dos acontecimentos políticos, decorrentes da votação no Congresso do projeto de anistia e da Constituinte. O senador Ernani do Amaral Peixoto, presidente do PDS, dizia ontem que em seus quarenta anos de vida pública não viu nada igual ao que aconteceu no Congresso na votação que se prolongou pela madrugada de ontem. O deputado Ulysses Guimarães presidente do PMDB, e seu velho amigo, sendo xingado por um grupo de aproximadamente vinte deputados. Segundo seu julgamento, faltou autoridade à Mesa Diretora do Congresso e às lideranças partidárias na condução dos acontecimentos políticos. "Não existem partidos nem a mínima solidariedade partidária", de acordo com a avaliação de Amaral Peixoto, o qual atribui o maior erro político cometido depois de 64 à extinção dos antigos partidos, como UDN, PSD, PTB e PSP, entre outros.

O deputado e ex-governador João Agripino, do PMDB, tenciona procurar nos próximos dias o presidente Sarney a fim de manifestar a ele as suas apreensões políticas. Agripino, que pertenceu no passado à "banda-de-música" da antiga UDN, lembra que sua experiência como parlamentar remonta desde os tempos da Constituinte de 46, cuja Grande Comissão integrou, a qual preparou o anteprojeto da Constituição que prevaleceu no país até 64. De acordo com o parlamentar paraibano, eram profundas as divergências entre a UDN, a que pertencia, e o PSD. No entanto, quando as lideranças daqueles antigos partidos se reuniam sempre chegavam a um entendimento, porque entre elas predominava o bom senso, o qual faz parte do gênero humano, até para fim de sobrevivência da própria espécie. Mas hoje, segundo Agripino, é impossível no parlamento brasileiro encontrar sequer o bom senso, porque ninguém atende à qualquer voz de ponderação.

Teme que na evolução em que as coisas estão se processando, com o presidente Sarney contando com precário apoio parlamentar, a ele, em última instância, não caberá outro recurso senão recorrer ao poder militar, como instância final. As vacilações políticas alcançam o próprio presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, o qual, em menos de 24 horas, assumiu posições diametralmente opostas. O deputado Pimenta da Veiga, na qualidade de líder do Governo, reúne seus liderados, no dia da votação, e concerta com eles um plano no sentido de que articulem um trabalho comum com vistas a recusar a emenda Jorge Ueque da anistia. Informa-se que dezesseis dos vice-líderes do PMDB, alguns deles dos mais ligados a Pimenta da Veiga, votaram no plenário do Congresso contra a orientação traçada pela liderança e o presidente do seu partido, deputado Ulysses Guimarães.

O deputado comunista Roberto Freire, do PCB de Pernambuco, e que militou durante muitos anos no MDB e mais tarde no PMDB, acha que o seu antigo partido vem demonstrando extraordinária falta de competência para gerir os acontecimentos sob sua responsabilidade. Inicialmente, manifestou sua total oposição à emenda Jorge Ueque que trata da anistia, pelos erros e omissões que ela continha. Quanto à emenda da Constituinte, é da opinião de que o assunto foi encaminhado muito mal desde o seu início. De tal modo, recorda ele, que a Constituinte, promessa histórica do presidente Tancredo Neves, resgatada pelo atual Governo através do presidente Sarney, na confusão gerada em todo o país acabou perdendo todo o seu significado e importância.

Diz Roberto Freire que numa emenda da importância da Constituinte o PMDB não podia jamais ter confiado o assunto ao deputado Flávio Bierrembach, que divergia da posição do partido e do Governo no trato da matéria. Era preciso, desde a primeira hora, ter encontrado para relator dessa matéria um parlamentar da extrema confiança do Governo e do partido, que não causasse os abalos políticos que acabaram se sucedendo, com desprestígio geral para o Governo, o próprio PMDB e até seu presidente, o deputado Ulysses Guimarães, o qual saiu arranhado politicamente dos vários episódios em que se viu envolvido.

Ulysses, o PMDB e o Governo

O deputado João Agripino, do PMDB, foi cobrar ao deputado Ulysses Guimarães maior coerência por parte do partido a que ambos pertencem no seu apoio ao Governo. Reação de Ulysses:

— E, João, até eu mesmo me esqueço às vezes nos meus discursos de que sou governante...

ANC 88
Pasta 10/85-2
110/1985